

Sony RDR-GX7

Introdução

Por maior que seja a qualidade da gravação de vídeo em suporte óptico, como DVD, relativamente à gravação em VHS ou outro qualquer meio que implique contacto físico durante a leitura/escrita, o grosso dos consumidores só abandonarão o vídeo-gravador em fita quando (1) o mercado disponibilizar discos a preços idênticos ou inferiores aos das cassetes e (2) a utilização da «nova» tecnologia for tão ou mais simples e flexível do que a hoje dominante.

O preço dos DVD (re)graváveis tem-se aproximado muito do das cassetes virgens, principalmente se considerarmos aqueles que se vendem em cilindros de múltiplas unidades (10, 25, 50), mas um obstáculo que emergiu há poucos meses foi o da dúvida quanto ao formato ao qual aderir...

Em Março de 2003, o mercado doméstico de gravadores de DVD-Vídeo encontrava-se dividido em três continentes: o das máquinas -R e -RW, o das máquinas +R e +RW, e o nicho DVD-RAM.

Se pensarmos numa recta temporal, os formatos -R e -RAM foram os pioneiros, em 1997. O -RW tornou-se um standard do DVD Forum em 1999, precisamente quando aconteciam a segunda revisão do -RAM e o lançamento da novidade +RW, movida por um consórcio das empresas Dell, HP, Mitsubishi, Philips, Ricoh, Thompson, Yamaha e Sony. Finalmente, em 2001, teríamos a variedade +R.

Os discos -R e +R são discos para arquivo, pois a informação só pode ser escrita uma vez. Os discos -RW e +RW, são discos para utilização frequente, que é suposto tolerarem até mil (re)escritas. O DVD-RAM tolera até cem mil re(gravações)! Mas a principal diferença entre estas alternativas é a sua flexibilidade lógica ou de utilização. Os formatos -R e -RW são como que as versões DVD dos CD-R e CD-RW, tendo nascido num contexto Informático, tal como o -RAM. As consequências destas origens são que os gravadores de DVD neles baseados, não permitem exactamente a mesma facilidade de utilização das cassetes VHS; por exemplo, não se permite começar a gravar em rigorosamente qualquer ponto do disco, o que talvez seja perturbador para as pessoas que estão habituadas a fazer REC, sem compromissos...

Foi a pensar numa maior flexibilidade que o consórcio DVD+RW Alliance avançou com os sistemas +RW e +R, caracterizados por diversas vantagens de interface, incluindo (1) a gravação em qualquer ponto, (2) a possibilidade de inserir marcas separadoras a qualquer momento, (3) a possibilidade de ter um menú para acesso automático aos capítulos, (4) a não necessidade de um processo de finalização explícito e (5) a gravação sempre em VBR (variable bit rate), o que deverá permitir poupar espaço de dados.

Surpreendentemente, os discos +R e +RW também têm algumas vantagens de compatibilidade com leitores de DVD-Video convencionais, uma vez que quando se utiliza o modo VR em -R e -RW (VR significa video recording, e

corresponde à possibilidade de operações de edição, como o corte de capítulos), compromete-se o seu reconhecimento em alguns DVD players, ao contrário do que aconteceria nos sistemas +R e +RW. Só no cenário em que o utilizador opta por abdicar das capacidades de edição, não utilizando VR, em suportes -R ou -RW, é que os discos resultantes atingem uma compatibilidade máxima.

Um dúvida natural é até que ponto importa esta compatibilidade: enquanto consumidor penso que a disponibilidade e o preço dos discos virgens é um factor muito mais importante, pois quem grava nestes equipamentos está normalmente a pensar numa fruição pessoal, pelo que a compatibilidade que mais lhe importa é com o seu próprio hardware...

Para resolver todos os dilemas, a Sony propõe um gravador de DVD-Vídeo que suporta ambos os sistemas +RW e -RW: o Sony RDR-GX7 diz-se uma máquina Dual RW. Ultrapassada a emoção inicial, descobrem-se todavia pequenos espinhos escondidos nas consequências de ser Dual RW... pois uma máquina destas não é exactamente a reunião perfeita de um gravador +R(W) com outro -R(W).

A primeira limitação é que o GX7 aceita discos -R, -RW e +RW, mas não aceita suportes +R, o que é interessante, tratando-se de um equipamento de um membro da DVD+RW Alliance. A segunda diferença para o cenário idílico da reunião perfeita dos dois sistemas «rivais», é que o funcionamento com discos +RW é menos versátil do que acontece com equipamentos estritamente dedicados a essa tecnologia...

Penso que o motivo chave porque acontecem estas diferenças é para facilitar a vida ao consumidor!, pois o suporte a quatro discos diferentes implicaria a plena consciência do que se pode e não se pode fazer em cada um dos casos; ou seja, o utilizador teria como que aprender quatro equipamentos diferentes, sendo difícil desenhar uma interface comum. Tal como está concebido, o GX7 é perfeitamente consistente entre discos; as pequenas diferenças que subsistem são realmente incontornáveis e fáceis de aceitar: (1) os discos -R não podem ser regravados; e (2) os discos -RW podem ser mais editáveis mas menos compatíveis, quando em modo VR, pelo que ao entrarem pela primeira vez na gaveta da máquina, interrogam sobre como vai ser (VR ou «video mode»?). Em video mode os discos serão legíveis na maioria das drives de DVD-ROM e de leitores de DVD-Vídeo, mas não suportarão certas funções...

Um disco DVD-RW em modo VR pode ser editado capítulo a capítulo e pode ter duração até seis horas; por exemplo se estiverem gravados quatro capítulos/episódios de The Simpsons, pode-se remover um desses títulos para gravar por cima outro conteúdo com a mesma duração. Se não se tivesse feito uma formatação VR, não só não estaria disponível essa funcionalidade de edição, bem como a duração da gravação estaria limitada a 60 ou 120 minutos. O modo VR é pois o extremo da flexibilidade para o sistema -RW, cobrando todavia um preço de compatibilidade.

Com o Sony RDR-GX7, um disco DVD+RW oferece a mesma flexibilidade do que um disco -RW. Há pois diferenças relativamente às máquinas +RW dedicadas: (1) o Sony só cria menús de texto, para acesso directo aos capítulos, enquanto normalmente está disponível um menú com imagens e texto, sendo as imagens a primeira frame do vídeo correspondente; (2) não se podem acrescentar marcas depois de gravado o capítulo; e (3) não se pode gravar em rigorosamente qualquer ponto, sendo necessário obedecer à estrutura imposta pelos capítulos já presentes.

A mais delicada as operações permanece assegurada: podem editar-se/cortar-se troços de capítulos entre quaisquer dois pontos A e B, por exemplo para remoção de publicidade, ao contrário do que escreve o site oficial da DVD+RW Alliance (<http://dvdplusrw.org/>). Conforme se refere mais adiante, também é possível associar imagens aos capítulos, mas eu não compreendi como é que essas imagens poderão manifestar-se, pois nos leitores em que experimentei os discos só aparece construído um menú de texto.

Dito isto, até que ponto estas diferenças são desvantagens é uma questão subjectiva. Pode considerar-se a edição limitada pela estrutura de capítulos é uma forma de disciplinar a organização do disco, mas é incontornável que muitos utilizadores quererão é pressionar REC sem nunca verem uma caixa de diálogo a dizer-lhes que não há espaço disponível para o que pretendem, ou que têm que apagar o capítulo corrente, para prosseguirem.

Insisto todavia que o preço dos discos virgens acabará por ser mais determinante do que estas diferenças e assim o GX7 é especialmente «seguro», pois tolera o dobro dos sistemas e constitui um escape às inevitáveis flutuações de mercado.

O Sony RDR-GX7 é uma máquina esteticamente interessante, com uma frente que só desvenda a gaveta central e uma fila de pequenos botões em estilo «cabeça de alfinete», para as operações elementares: close/eject, play, pause, stop, REC, REC Pause e REC Stop.

Existem dois mostradores electrónicos: à esquerda da gaveta temos as indicações clássicas, como a duração da gravação, o tempo restantes, a fonte de sinal activa e as horas; enquanto que à direita da gaveta temos indicadores para o tipo de disco inserido e informação de estado (disco finalizado, gravação por temporizador, gravação por sincronia e smartlink).

A parte posterior do equipamento é rica em conexões, estando disponíveis:

- um par entrada/saída RF onde se deve ligar o cabo coaxial de antena e um cabo até ao dispositivo de visualização, tal como se faria com qualquer vídeo-gravador VHS;
- saída de vídeo analógica por componentes (fichas Y, Cb, Cr);
- conjunto Line-Out 2, com fichas de saída para áudio estéreo, vídeo composto e SVHS;
- conjunto Line-In 1, com fichas de entrada para áudio estéreo, vídeo composto e SVHS;
- ficha scart Line 1, bidireccional;

- ficha scart Line 3, bidireccional, para descodificadores como caixas Cablecrypt;
- saída de áudio digital por ficha coaxial/eléctrica;
- saída de áudio digital por ficha toslink/óptica.

Rebatendo a gaveta frontal que se expressa por todo o comprimento do Sony, desvendam-se ainda:

- uma entrada DV por ficha Firewire 400;
- conjunto Line-In 2, com fichas de entrada para áudio estéreo, vídeo composto e SVHS;
- um conjunto de teclas correspondentes a operações normalmente realizadas a partir do telecomando, como a mudança de canal, e a navegação pela estrutura de menús.

Apesar do GX7 ostentar um mecanismo de ventilação, o seu funcionamento é fresco (e muito silencioso), não tendo nunca acontecido o seu activar automático, durante este teste.

O setup do aparelho é espantosamente simples. Escolhendo Easy Setup, a máquina faz tudo: procura todos os canais de televisão disponíveis; descobre (!) ou pergunta as horas; e conduz o utilizador às opções de configuração típicas, como o tipo de dispositivo de visualização instalado (TV 4:3 letterbox no meu caso).

Quando se introduz um disco para gravação basta saber (1) se for –RW haverá que optar entre os modos VR e video mode (escolhi sempre VR); e (2) se for virgem acontecerá a sua formatação automática, processo que consome de 2 a 3 minutos.

De aqui para a frente, pode fazer-se tudo pelo telecomando, em que uma tampinha deslizante esconde as teclas fundamentais: REC, REC PAUSE, REC STOP, Input Select e marcações.

Fui então experimentar a qualidade do Sony RDR-GX7.

Opinião

A primeira observação qualitativa que o GX7 merece, é dirigida ao seu sintonizador CATV (Cable TV), que é soberbo! A procura de canais pode ser demorada, mas é «muito fina», capaz de identificar todas as estações, sem excepção, mesmo nos cenários mais pobres (TV Cabo).

Por exemplo, um dos canais que a TV Cabo transmite mas que poucos clientes conseguem sintonizar em Lisboa, é o francês M6, que neste caso foi identificado com a melhor qualidade possível, quase evitando em absoluto as violentas interferências horizontais que normalmente o caracterizam.

A sombra eterna do logotipo da RTP2 também não desapareceu, mas foi minimizada a um extremo que reflecte a delicadeza da busca automática de sinal. O Odisseia, que depois da extinção alarve do Discovery foi chutado para frequências mais sujeitas a interferências, também esteve no seu melhor.

A imagem do GX7 é estabilíssima, contrastada e viva nas cores, fugindo àquele que considero um defeito de alguns gravadores de DVD-Vídeo, que é darem a ver a imagem sintonizada com a qualidade com que ficaria gravada. Isso não se passa neste Dual RW: a imagem que é transmitida é a da fonte de sinal e não a que resulta do seu processamento digital.

São possíveis seis modos de gravação:

HQ, 60 minutos de vídeo @ 720x576, ou seja 9.72 Mbit/segundo;
HSP, 120 minutos de vídeo @ 720x576, ou seja 5.07 Mbit/segundo;
SP, 150 minutos de vídeo @ 720x576, ou seja 4.06 Mbit/segundo;
LP, 180 minutos de vídeo @ 360x576, ou seja 3.38 Mbit/segundo;
EP, 240 minutos de vídeo @ 360x576, ou seja 2.54 Mbit/segundo;
SLP, 360 minutos de vídeo @ 360x576, ou seja 1.70 Mbit/segundo.

Como se lê, o modo de gravação tem um grande impacto na qualidade teórica, especialmente no salto de SP para LP, em que a resolução gráfica cai para metade. Estes seis modos correspondem a seis violências de compressão MPEG2, com efeitos na qualidade de vídeo dependentes da natureza do material.

Por exemplo, gravar o GP do Mónaco em F1 em SLP conduz a resultados fracos, pois há imensa informação de cor (cenas muito complexas) e tudo muda constantemente (mudança de câmara, deslocação rápida dos automóveis...). Todavia, a qualidade prática de uma gravação SLP pode ser aceitável (!), por exemplo em documentários sobre pintura, como a série Private View da BBC, em que basicamente não há outro movimento que não o dos lábios do entrevistador e do entrevistado, sendo que a maior parte do tempo, são as telas estáticas que merecem a atenção do compressor/decompressor de vídeo.

Aliás, a qualidade por vezes aceitável do mais fraco dos modos de gravação do GX7 é emblemática da elevadíssima qualidade geral das suas gravações «regulares», que aqui se considera ser as que são feitas em SP.

Em poucas palavras, enquanto gravador, este Sony consegue resultados muito próximos de perfeitos. Quem estiver disposto em investir na qualidade HQ, dificilmente detectará diferenças para o original, e mesmo descendo a exigência até aos 4.06 Mbits/segundo, o balanço entre o volume de dados poupado e a qualidade perdida, pende escandalosamente para a economia.

Esta qualidade é transversal a todas as fontes de sinal que o RDR-GX7 suporta, incluindo DV, a propósito da qual refiro a tecla «One Touch Dub» que é uma forma de transferir gravações DV para disco óptico literalmente à distância de um só botão...

Não há tempos de espera entre fazer REC e o início da gravação, mas é necessário esperar alguns segundos sempre que se faz REC STOP, para que a tabela de conteúdos do disco seja actualizada. De forma a que o disco depois seja compatível com o maior número possível de máquinas externas,

quando se faz eject, é necessário aguardar outros breves instantes, que consistem na sua preparação para compatibilidade.

Toda a interacção com o equipamento pode ser feita a partir da tecla System Menu, que permite acesso à lista de títulos presentes no disco, à gravação por timer, à lista de gravações temporizadas, à edição a partir de DV e ao setup geral do aparelho.

Estas opções parecem-me listadas por probabilidade de frequência de utilização: é natural que o utilizador faça acima de tudo navegações pela lista de títulos que vai gravando nos seus discos. Para cada um desses títulos/capítulos, é possível escolher a listagem por ordem de data, número de canal ou nome. Ao seleccionar um título em particular, é possível fazer-lhe Play (leitura a partir do início ou da última ocasião em que se fez stop), Play from start (leitura a partir do início), Erase (apagá-lo), Protect (on/off), mudar o nome, seleccionar uma imagem ilustradora (thumbnail, cuja aplicação não identifiquei) e fazer a edição/corte entre pontos A e B quaisquer.

A gravação também recupera instantaneamente de falhas de sinal. No meu caso, durante os meses de Maio e de Junho de 2003, a TV Cabo teve falhas de sinal regulares todos os dias! Uma dessas falhas aconteceu (acontece?) sempre às zero horas, o que foi <ironia>excelente</ironia> para testemunhar como o GX7 é capaz de recuperar virtualmente sem atraso, do arruinar de conteúdos, no caso os últimos episódios das séries The Sopranos e Roswell...

Como leitor de DVD «simples», este Sony é igualmente formidável, tendo acusado zero problemas de compatibilidade e exibido a consistência e a qualidade que sugeriu enquanto gravador, neste caso potenciadas pelas gravações profissionais.

Resumo

O Sony RDR-GX7 é um gravador de DVD-Video no sistema dito de Dual-RW, o que significa que implementa, em simultâneo, os sistemas +RW e -RW, só não aceitando discos +R e -RAM.

De forma a ter um comportamento coerente, em independência do sistema, o GX7 não é completo em modo +RW, mas aquilo de que abdica é pouco relevante, se comparado com a segurança associada à sua dualidade.

Se esquecermos aspectos de mercado e nos focarmos no seu desempenho, é o melhor gravador de vídeo doméstico que já encontrei, com um sintonizador soberbo e uma eficácia MPEG2 impressionante.

Recomendado!